

# Saúde

Revista Brasileira de

ISSN 3085-8089

vol. 1, n. 7, 2025

## ... ARTIGO 13

Data de Aceite: 08/10/2025

# USO DE TELEMEDICINA NA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE PARA O MANEJO DE PACIENTES PSIQUIÁTRICOS : UMA REVISÃO DE LITERATURA

**Laura de Rose**

Universidade de Vassouras - Rio de Janeiro

**Rafael Brandão Pinheiro**

Universidade de Vassouras - Rio de Janeiro

**Maristela Pereira Garcia**

Universidade de Vassouras - Rio de Janeiro

**Ramon Fraga de Souza Lima**

Universidade de Vassouras - Rio de Janeiro



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).



**Resumo:** Nos últimos anos, a saúde mental tem se consolidado como um desafio crescente para a saúde pública, devido à elevada prevalência de transtornos como depressão e ansiedade generalizada. Nesse contexto, a telemedicina emerge como uma ferramenta inovadora na prestação de serviços, principalmente na atenção básica, caracterizando-se como uma alternativa promissora para reduzir as disparidades no acesso aos cuidados em saúde. Esta revisão integrativa de literatura buscou analisar o uso da telemedicina na atenção básica à saúde para o manejo de transtornos psiquiátricos, com base em 24 artigos selecionados. Os resultados revelam que a telepsiquiatria, em suas modalidades síncrona e assíncrona, amplia a acessibilidade aos cuidados em saúde mental e possibilita um acompanhamento regular dos pacientes, apresentando eficácia clínica comparável ao atendimento presencial. Esse resultado é potencializado pela capacitação de profissionais da atenção primária, por meio de modelos colaborativos e programas digitais de treinamento. Entretanto, sua adoção ainda enfrenta desafios, como a limitação da infraestrutura tecnológica, a baixa adesão de alguns profissionais, a dificuldade na observação de sinais não verbais e questões relacionadas à segurança dos dados. Desse modo, a integração efetiva da telemedicina na atenção básica mostra-se viável para reduzir a lacuna no tratamento em saúde mental e promover maior equidade no acesso. Ressalta-se, ainda, a necessidade de pesquisas futuras que avaliem a efetividade a longo prazo dessa ferramenta, bem como seu impacto em diferentes contextos e populações. Em resumo, a telemedicina caracteriza-se como uma estratégia promissora para fortalecer a prevenção, o diagnóstico e o manejo de transtornos psiquiátricos na atenção básica, gerando benefícios para pacientes, profissionais e sistemas de saúde.

**Palavras-chave:** Atenção primária; Telemedicina; Psiquiatria.

## INTRODUÇÃO

A saúde mental é um componente essencial para o bem-estar humano, mas representa um dos maiores desafios para a saúde pública, uma vez que a sociedade atual lida com condições como a depressão e o transtorno de ansiedade generalizada (TAG), que são prevalentes e incapacitantes. Nesse contexto, observa-se uma disparidade no acesso ao tratamento, evidenciada pela diferença entre o número de pessoas que necessitam de atendimento e a quantidade de indivíduos que realmente o recebem, configurando um problema crônico e generalizado, especialmente em áreas com recursos limitados. (PAHUJA et al., 2020; SERHAL et al., 2020; SHISANA et al., 2024)

Diante dessa lacuna no tratamento da saúde mental, a telemedicina emerge como uma ferramenta de assistência que utiliza tecnologias de informação e comunicação para oferecer cuidados remotos. Essa abordagem mostrou-se eficaz na superação de barreiras geográficas e de acesso, além de melhorar a satisfação dos pacientes e reduzir o estigma relacionado à busca por ajuda em clínicas especializadas. O avanço crescente da pesquisa e da aplicação deste instrumento, especialmente em áreas como a telepsiquiatria, mostrou-se fundamental, impulsionado pela pandemia de COVID-19, que acelerou a adoção de ferramentas digitais. Dessa forma, modelos de intervenção digital, como as teleconsultas e o telemonitoramento, demonstraram ser eficazes na melhoria dos desfechos clínicos, especialmente na redução dos sintomas de depressão e transtorno de ansiedade generalizada (AIKENS et al., 2022; YELLOWLEES et

a.l, 2021; HALL et al., 2022; FORTNEY et al., 2021). O sistema de saúde deve ser integrado para que a telemedicina funcione com eficácia e tenha sua viabilidade. Dessa maneira, estudos comparativos têm analisado diferentes abordagens, como o atendimento síncrono (em tempo real) e assíncrono (vídeos já gravados), ambas demonstrando-se clinicamente eficazes. Esse avanço baseia-se no conceito de “compartilhamento de tarefas” (task-sharing), que capacita profissionais da atenção primária a gerenciar casos de depressão e ansiedade, otimizando o uso de especialistas. Programas de treinamento digital, como o Tele-OCT, comprovam que a informação clínica pode ser traduzida de forma eficaz para a prática, resultando em maior detecção e cuidados para transtornos psiquiátricos na atenção básica. (PAHUJA et al., 2020; JAYASANKAR et al., 2022; MANJUNATHA et al., 2020).

Mesmo diante de seu potencial, a implementação bem-sucedida dessa ferramenta enfrenta desafios práticos e contextuais, como a falta de infraestrutura tecnológica e de conectividade, principalmente em países de baixa e média renda, configurando um obstáculo significativo. Além disso, aspectos associados à aceitação por parte de pacientes e profissionais, bem como a necessidade fundamental de capacitação em habilidades específicas para o uso da telemedicina, são questões que precisam ser enfrentadas para garantir o sucesso dessa iniciativa digital. Observa-se, inclusive, uma baixa taxa de adoção mesmo em países de alta renda, o que sugere que a telemedicina não depende apenas da tecnologia, mas também de modelos de prática colaborativa, da experiência profissional e de políticas de financiamento (SERHAL et al., 2020; O'CALLAGHAN et al., 2022; AMBROSI et al., 2025; HAUN et al., 2021).

Portanto, o presente estudo propõe-se em analisar o uso da telemedicina na atenção básica para o manejo de doenças psiquiátricas, com foco na depressão e transtorno de ansiedade generalizada. Ao analisar-se os diferentes modelos de cuidados, às necessidades de treinamento, as lacunas da literatura e os desafios de implementação, busca-se trazer insights sobre como esse instrumento pode ser melhor integrado de forma mais eficaz à atenção primária, com o propósito de aprimorar os quadros em saúde e qualidade de vida dos pacientes.

## METODOLOGIA

A abordagem metodológica do presente trabalho se propõe a um compilado de pesquisa bibliográfica por meio de uma revisão integrativa da literatura. Para tal, foram utilizados as bases de dados National Library of Medicine (PubMed), Sciencedirect, Portal de Periódicos Capes.

As palavras-chave utilizadas foram selecionadas para refletir o tema de interesse, Dessa forma a busca pelos artigos foi realizada por meio dos seguintes descritores: “telemedicine”, “primary Health Care”, “psychiatry”, utilizando o operador booleano “AND” para unir os termos. Os descritores usados foram apenas em inglês.

Nas três plataformas de busca utilizadas (PubMed, Sciencedirect, Portal de Periódicos Capes), foram incluídos todos os artigos originais, com recorte temporal de publicação de Janeiro/2020 a Julho/2025. Os critérios de exclusão foram artigos escritos em outro idioma que não português ou inglês, artigos com fuga ao tema central desta revisão de literatura, análise crítica e descritiva e artigos duplicados nas bases de dados selecionadas.

## RESULTADOS

A busca resultou em um total de 892 trabalhos sobre o uso de telemedicina na atenção básica à saúde para o manejo de pacientes psiquiátricos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 21 artigos, sendo 12 da base de dados Pub Med, 7 do Portal de Periódicos Capes e 2 do Sciencedirect, conforme mostra a figura 1.

Na tabela 1 podemos ver as principais considerações dos 21 estudos selecionados e, na sequência, serão apresentadas as principais considerações observadas nas buscas.

As evidências apontam que a telepsiquiatria, em suas diferentes modalidades, tornou-se uma alternativa clinicamente funcional ao atendimento presencial. A pesquisa de Yewllowlees et al., 2021, demonstra que tanto o uso assíncrono quanto o síncrono resultaram em uma melhora clínica significativa em quadros de pacientes com depressão e ansiedade, mantendo-se por até 24 meses. De maneira semelhante, o ensaio clínico feito por Aikens et al., 2022, evidencia que o programa de telemonitoramento por telefone resultou em uma melhora significativa em sintomas depressivos, com o grupo de intervenção resultando em uma taxa de resposta clínica duas vezes maior em comparação ao grupo controle.

Os resultados destacam que o modelo de assistência adotado é um fator decisivo para o sucesso da telemedicina, uma vez que o atendimento colaborativo por telepsiquiatria (TCC), no qual o especialista atua como consultor da equipe local de atenção primária, demonstrou ser eficaz em comparação ao modelo de encaminhamento direto (TER) no tratamento de transtornos psiquiátricos complexos, como descrito

por Fortney et al., 2021. Dessa forma, essa abordagem foi considerada mais eficiente na utilização de especialistas, que realizaram menos consultas por paciente em relação ao modelo tradicional. Paralelamente, Pahuja et al., 2020, evidenciam que um programa de capacitação digital (PCPP) aumenta significativamente a detecção de transtornos mentais por médicos da atenção primária, contribuindo para elevar a preparação desses profissionais no manejo desses quadros.

A telemedicina tem demonstrado um potencial para inovar o cuidado da saúde mental em diversas pesquisas. A plataforma de prescrição de precisão Brightside Health é um exemplo, visto que combinou o acesso remoto com um algoritmo de suporte à decisão clínica, gerando altas taxas de remissão para ansiedade e depressão, conforme O'Callaghan et al., 2022. Semelhante a essa abordagem inovadora, o estudo de Blonigen et al., 2023, evidenciou que a inclusão de pares de apoio é uma estratégia promissora para aumentar o engajamento e adesão do paciente ao aplicativo de saúde móvel.

Mesmo com a telemedicina se mostrando uma ferramenta fundamental para reduzir as disparidades de acesso em comunidades com baixa disponibilidade de serviços, a aceitabilidade por parte dos pacientes é um fator essencial para seu funcionamento. Um estudo realizado no Quênia por Meffert et al., 2024, mostrou que 30% dos participantes preferiam as consultas por áudio via celular, destacando o valor de tecnologias de baixo custo. A acessibilidade e a conveniência de não precisar gastar com transporte ou tempo de deslocamento enfatizam que essa ferramenta é de suma importância para promover a equidade, atingindo indivíduos que enfrentam barreiras socioeconômicas significativas no acesso a cuidados em saúde mental.

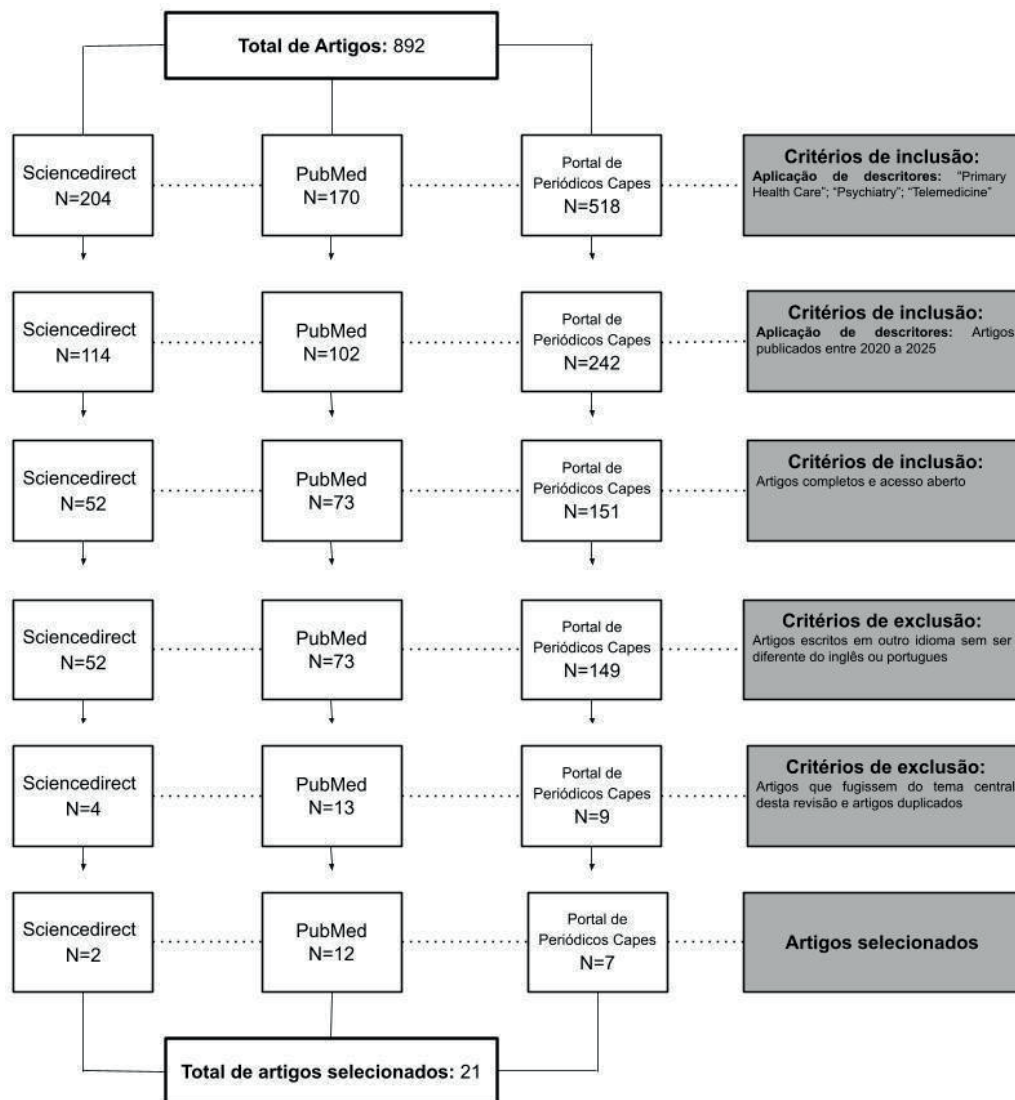


Figura 1: Fluxograma de identificação e seleção dos artigos selecionados nas bases de dados PubMed, Sciencedirect, Portal de Periódicos Capes.

Fonte: Autores (2025).

| Autor         | Ano  | Principais conclusões  |
|---------------|------|--|
| Graham et al  | 2020 | A plataforma IntelliCare, demonstrou elevada eficácia e engajamento no tratamento da depressão e da ansiedade, com uma redução significativa dos sintomas, apresentando uma taxa de recuperação superior a 50% e manutenção dos efeitos por até 16 semanas       |
| Waqas et al   | 2020 | A pesquisa em telemedicina apresentou rápido crescimento, com destaque para a telepsiquiatria. Entretanto, a produção científica concentra-se majoritariamente em países de alta renda, o que evidencia lacunas significativas em nações de média e baixa renda. |
| Ambrosi et al | 2025 | Intervenções digitais (ID) não mostraram superioridade sobre cuidados tradicionais, mas são alternativas viáveis. Destaca a falta de ECRs de qualidade e a dificuldade de avaliar tecnologias com métodos tradicionais.  |

|                  |      |  |
|------------------|------|--|
| Hall et al       | 2022 | Tanto o atendimento colaborativo (TCC) quanto o encaminhamento aprimorado (TER) são eficazes. A telemedicina aumenta o acesso, reduz estigma e oferece benefícios distintos conforme o perfil do paciente.   |
| Haun et al       | 2021 | As vídeo consultas mostraram-se tecnicamente viáveis e bem aceitas, oferecendo benefícios como acesso rápido, fácil integração à rotina e estabelecimento de uma aliança terapêutica efetiva. Contudo, foram identificadas barreiras práticas e uma preferência de alguns pacientes por formas de comunicação mais informais.  |
| Aikens et al     | 2022 | A implementação de um programa de URA telefônica associado a apoiadores leigos resultou na redução dos sintomas depressivos em populações de baixa renda. O modelo mostrou alta aceitabilidade e viabilidade, mesmo na ausência de smartphones, sendo o apoio humano um diferencial fundamental.   |
| Fortney et al    | 2021 | Uma comparação entre os modelos de TCC e TER mostrou que ambos são eficazes, entretanto, a TCC demonstrou maior eficiência e menor uso de recursos. Além disso, ampliou significativamente o acesso, configurando-se como opção ideal em contextos com escassez de especialistas.  |
| Yellowlees et al | 2021 | A comparação entre a telepsiquiatria síncrona e a assíncrona revelou eficácia clínica semelhante. No entanto, a modalidade assíncrona (ATP) mostrou-se mais escalável e eficiente. Entre os desafios identificados destacam-se a maior taxa de abandono e a ausência de pistas da linguagem corporal, com importantes implicações para a equidade e o acesso aos cuidados.   |
| Kulkarni et al   | 2020 | Estudo em população de rua com transtornos mentais graves. Mostra a viabilidade do modelo colaborativo “hub-and-spoke”, em que psiquiatras de centro de excelência apoiam médicos locais. A telepsiquiatria se mostrou útil, eficaz e econômica, reduzindo a necessidade de internações.   |
| Meffert et al    | 2024 | Uma pesquisa realizada no Quênia sobre preferências em saúde mental, cerca de 30% dos pacientes optaram pelo atendimento por celular apenas com áudio, destacando conveniência e menor custo. A preferência pelo atendimento presencial esteve associada à busca por maior conexão pessoal e às dificuldades de rede. A modalidade remota mostrou maior aceitação entre jovens, especialmente aqueles com barreiras socioeconômicas e sintomas menos graves. |
| Blonigen et al   | 2023 | Estudo piloto com veteranos nos EUA mostrou que aplicativos móveis de autocuidado apresentam baixa adesão quando utilizados isoladamente. No entanto, a introdução de pares facilitadores (veteranos em recuperação) aumentou significativamente o engajamento, inovando ao expandir o modelo de cuidado colaborativo para incluir pares como agentes de apoio.  |
| Shisana et al    | 2024 | Foi feita uma análise do sistema de saúde da África do Sul que defende a inclusão prioritária da saúde mental no novo Seguro Nacional de Saúde (NHI), ressaltando que o investimento na área é crucial não apenas por razões de saúde pública, mas também pelo impacto econômico positivo associado.   |
| Aidemark et al   | 2022 | Foi feita uma revisão sobre video consultas destacando que o sucesso ou fracasso de sua implementação depende de múltiplos fatores (tecnológicos, organizacionais e contextuais), indo além dos desfechos clínicos. Ressaltando que a efetividade está diretamente ligada à adequação ao contexto e ao desenho dos sistemas.   |

|                   |      |   |
|-------------------|------|---|
| Jayasankar et al  | 2022 | A avaliação do módulo de Consultas Colaborativas por Vídeo (CVC) do DPCP revelou alta concordância diagnóstica entre médicos de atenção primária e telepsiquiatria. O CVC contribui para aprimorar habilidades clínicas, aumentar a confiança dos médicos e fortalecer o task-sharing, sendo considerado essencial para a sustentação do programa distrital de saúde mental.                |
| Manjunatha et al  | 2021 | Um estudo sobre o Tele-OCT (On-Consultation Training) demonstrou que a metodologia é viável e acessível, podendo ser realizada com smartphones comuns. O treinamento em casos reais aumenta a capacidade diagnóstica e aprimora as habilidades clínicas dos médicos de atenção primária.  |
| Pahuja et al      | 2020 | Um estudo no DPCP sobre o uso de CVC para transtorno por uso de opioides (TUO) mostrou que médicos de atenção primária conseguiram manejar casos complexos sem necessidade de encaminhamento. Os achados evidenciam a viabilidade da telemedicina para fortalecer o tratamento de TUO na atenção primária e aumentar a confiança dos profissionais.   |
| O'Callaghan et al | 2022 | A avaliação da plataforma Brightside Health, que combina telepsiquiatria com algoritmo de prescrição de precisão, mostrou alta viabilidade. Observou-se elevada taxa de melhora e remissão, superiores a estudos tradicionais como o STAR*D, além de boa aceitabilidade. Os resultados evidenciam o potencial da inteligência algorítmica para apoiar decisões clínicas em telepsiquiatria. |
| Serhal et al      | 2020 | Estudo em Ontário sobre médicos que encaminham para telepsiquiatria. Houve crescimento expressivo. Preditores: atuação em áreas rurais e listas de pacientes mais complexas. Telepsiquiatria deixou de ser exclusiva de áreas remotas, expandindo-se também para centros urbanos.   |
| Manjunatha; et al | 2021 | O programa KTM de Karnataka demonstrou ser eficaz e escalável para integrar a psiquiatria na atenção primária, aumentando a detecção de casos e transferindo habilidades clínicas aos PCDs.   |
| Zhang et          | 2025 | Foi feito um estudo retrospectivo com beneficiários do Medicare mostrou que a pandemia de COVID-19 expandiu drasticamente o uso da telepsiquiatria na atenção primária, com maior acesso, continuidade do cuidado e consultas realizadas.   |
| Parish et al      | 2021 | O modelo de Telepsiquiatria Assíncrona (ATP) é viável, escalável e custo-efetivo, desde que os clínicos de atenção primária recebam treinamento específico em entrevista psiquiátrica, saúde comportamental e e-competência, permitindo otimizar o tempo do psiquiatra e integrar cuidados de forma colaborativa.   |

Tabela 1. Caracterização dos artigos conforme ano de publicação e seus objetivos.

Fonte: Autores (2025).

Apesar de possuir resultados positivos, a literatura também relata desafios e barreiras para a implementação dessa ferramenta. O estudo de Serhal et al., 2020, aponta que, mesmo com o aumento de uso, a adoção da telemedicina ainda é limitada, sendo mais comum entre médicos que gerenciam pacientes que possuem uma maior complexidade e que precisam trabalhar em modelos de cuidados em equipe. Outras barreiras também encontradas são a falta de infraestrutura tecnológica e a dificuldade em observar sinais não verbais, foram citadas por profissionais, descritas por Haun et al., 2021.

Por fim, a telemedicina tem apresentado resultados promissores no manejo de transtornos psiquiátricos na atenção básica. Os modelos de cuidado colaborativo e de “compartilhamento de tarefas” mostraram-se promissores ao capacitar os profissionais da atenção primária e otimizar o uso de especialistas. Além de mostrar sua eficácia, essa ferramenta demonstrou ser uma solução equitativa e adaptável em contextos com poucos recursos, sendo capaz de promover inovações. Entretanto, também foram identificadas barreiras práticas significativas, como desafios relacionados ao treinamento, à infraestrutura e à baixa adesão por parte de alguns profissionais, sendo aspectos que precisam ser considerados para uma implementação em larga escala.

## DISCUSSÃO

A análise dos resultados dessa revisão de literatura destaca que a telemedicina possui um potencial para transformar o manejo de transtornos psiquiátricos na atenção básica. As evidências apontam que essa ferramenta é uma alternativa eficaz ao cuidado presencial e, paralelamente, contribui para superar barreiras históricas de acesso. No entanto, sua adoção enfrenta desafios que necessitam ser abordados para garantir uma maior efetividade em diferentes contextos. Este trabalho enfatiza os estudos disponíveis sobre sua eficácia, modelos de cuidado, barreiras à implementação e aceitabilidade, embora ainda apresentem nuances que devem ser consideradas para a sua adaptação à realidade local.

Os achados desta revisão reforçam de forma consistente o que já vem sendo encontrado na literatura, que destaca a eficácia clínica da telepsiquiatria, principalmente no manejo de transtornos mentais como a depressão e o transtorno de ansiedade generalizada. Estudos realizados por Yellowlees et al., 2021, demonstram que intervenções realizadas de forma síncrona e assíncrona podem promover melhorias significativas nos quadros clínicos. Tal impacto é reforçado pelo desenvolvimento de plataformas como a Brightside Health, destacada por O’Callaghan et al., 2022, que apresenta taxas de remissão superiores às observadas em ensaios clínicos tradicionais. Assim, quando há uma adaptação adequada às demandas dos pacientes e ao contexto de atenção, a telemedicina configura-se como um instrumento potente e viável na promoção do cuidado em saúde mental na atenção primária. O cuidado colaborativo é um dos modelos mais promissores identificados na literatura, exemplificado no ensaio clínico pragmáti-



co realizado por Fortney et al., 2021, que compara o modelo de teleconsulta integrada com o de encaminhamento direto. O estudo aponta que, na primeira abordagem, o psiquiatra atua como consultor da equipe de atenção primária, mostrando-se significativamente mais eficiente, sem comprometer a melhora clínica dos pacientes. O conceito de “compartilhamento de tarefas” (task-sharing), presente nos estudos de Manjunatha et al., 2020, e Jayasankar et al., 2022, ilustra exemplos práticos de como a telemedicina facilita essa estratégia de tratamento. Para isso, torna-se fundamental a capacitação dos médicos da atenção primária por meio de treinamentos digitais e suporte contínuo, possibilitando a ampliação do acesso aos serviços de saúde mental em regiões com escassez crítica de especialistas.

A implementação em larga escala da telepsiquiatria enfrenta barreiras significativas, apesar dos resultados promissores. Pesquisas realizadas por Serhal et al., 2020, apontam que, mesmo em contextos de alta renda, a adoção dessa ferramenta ainda é limitada, indicando que o avanço do modelo depende não apenas da tecnologia, mas também da colaboração cultural dos profissionais, do financiamento e de uma infraestrutura adequada. Profissionais de saúde destacam a dificuldade em perceber sinais não verbais durante as teleconsultas, o que pode impactar a eficácia do tratamento. Para enfrentar esses desafios, a literatura enfatiza a importância da capacitação e de treinamentos específicos, como o modelo proposto por Burke et al. para telepsiquiatria assíncrona, além de estratégias que promovam o engajamento dos pacientes, como o apoio por pares avaliado por Blonigen et al., 2023, considerado fundamental para a adesão a ferramentas digitais de saúde.

É essencial reconhecer que grande parte das pesquisas sobre telemedicina são realizadas em países de alta renda, o que gera uma lacuna significativa na literatura importante sobre sua aplicabilidade em contextos de baixa e média renda, conforme destacado por Waqas et al., 2020. Entretanto, estudos realizados em países como Quênia e Índia oferecem insights sobre como essa ferramenta pode promover equidade no acesso à saúde mental. A pesquisa de Meffert et al. 2024 ressalta a conveniência e acessibilidade da telemedicina por áudio, utilizando tecnologias de baixo custo, configurando-se como uma abordagem fundamental para superar barreiras socioeconômicas. De forma complementar, o estudo de Kulkarni et al. aponta a viabilidade do atendimento colaborativo por telemedicina em populações vulneráveis, como pessoas em situação de rua, indicando o potencial desse instrumento para alcançar aqueles que mais necessitam de cuidado.

Assim, a telemedicina demonstra grande potencial promissor para aprimorar o manejo de transtornos psiquiátricos na atenção básica, principalmente ao otimizar a colaboração entre os profissionais e o acesso. Os modelos de cuidado colaborativo e as inovações tecnológicas mostraram-se essenciais, mas sua adoção em larga escala depende da superação de suas limitações, como a necessidade de capacitação e a falta de infraestrutura. Nesse contexto, o sucesso dessa ferramenta não está apenas na disponibilidade tecnológica, mas também em sua integração a modelos de cuidados centrados na qualificação da equipe, na promoção de equidade e na cooperação interprofissional.

## CONCLUSÃO

A análise dos resultados e da discussão revela que a telemedicina oferece uma série de benefícios potenciais para o manejo de transtornos psiquiátricos, como a depressão e a ansiedade, no âmbito da atenção primária. Os estudos apontam que, em suas diferentes modalidades, esse instrumento configura-se como uma alternativa viável e clinicamente eficaz ao atendimento presencial, ao superar barreiras geográficas e ampliar o acesso a tratamentos especializados. Modelos de cuidado colaborativo demonstram ser estratégias eficientes, ao promoverem a capacitação de profissionais da atenção primária e otimizarem o uso de especialistas, com base no princípio do “compartilhamento de tarefas”. A viabilidade dessas abordagens em contextos de baixa e média renda reforça o potencial da telemedicina para reduzir as iniquidades em saúde.

No entanto, é essencial ressaltar os desafios envolvidos na implementação da telemedicina, como a necessidade de uma infraestrutura tecnológica adequada, a capacitação contínua dos profissionais de saúde e questões relacionadas à aceitabilidade e à privacidade dos dados dos pacientes. Sua adoção vai além da simples disponibilidade tecnológica, exigindo também atenção a fatores contextuais, como o modelo de prática clínica adotado e o apoio institucional. Isso demanda um esforço coordenado entre profissionais de saúde, gestores públicos e desenvolvedores de tecnologia, com o objetivo de garantir a sustentabilidade e a eficácia dessas intervenções. Tais considerações reforçam a importância de políticas e estratégias bem estruturadas, que promovam o uso responsável da telemedicina, minimizem seus riscos e potencializem seus benefícios.

Além disso, destaca-se a necessidade de pesquisas futuras que avaliem o impacto de longo prazo da telemedicina no manejo de transtornos psiquiátricos, assim como sua eficácia em diferentes populações e contextos culturais. Desse modo, a realização de estudos pragmáticos e análises de custo-efetividade pode oferecer evidências adicionais sobre os benefícios clínicos, econômicos e sociais dessa ferramenta, contribuindo para a formulação de políticas e práticas de saúde baseadas em evidências.

Em suma, reforça-se a importância da telemedicina como uma ferramenta promissora na atenção básica à saúde para o manejo de transtornos psiquiátricos. Ao superar barreiras geográficas e ampliar o acesso a cuidados especializados, essa tecnologia tem o potencial de transformar a forma como condições como depressão e ansiedade são prevenidas, diagnosticadas e tratadas. Seus benefícios se expandem a pacientes, profissionais de saúde e ao sistema de saúde como um todo. A integração sustentável e equitativa da telemedicina pode ser fundamental para reduzir e, eventualmente, fechar a lacuna no tratamento em saúde mental.

## REFERÊNCIAS

1. AIDEMARK, Jan. Care by video consultations: why or why not? *Procedia Computer Science*, [S.l.], v. 196, p. 400-408, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.procs.2021.12.029>
2. AIKENS, James E.; VALENSTEIN, Marcia; PLEGUE, Melissa A.; SEN, Ananda; MARI-NEC, Nicolle; ACHTYES, Eric; PIETTE, John D. Technology-facilitated depression self-management linked with lay supporters and primary care clinics: randomized controlled trial in a low-income sample. *Telemedicine and e-Health*, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 399-406, mar. 2022. DOI: [10.1089/tmj.2021.0042](https://doi.org/10.1089/tmj.2021.0042)

3. AMBROSI, Elisa; MEZZALIRA, Elisabetta; CANZAN, Federica; LEARDINI, Chiara; VITA, Giovanni; MARINI, Giulia; LONGHINI, Jessica. Effectiveness of digital health interventions for chronic conditions management in European primary care settings: systematic review and meta-analysis. *International Journal of Medical Informatics*, [S.l.], v. 196, p. 105820, abr. 2025. DOI: 10.1016/j.ijmedinf.2025.105820
4. BLONIGEN, Daniel M.; MONTENA, Alexandra L.; SMITH, Jennifer; HEDGES, Jacob; KUHN, Eric; CARLSON, Eve B.; OWEN, Jason; WIELGOSZ, Joseph; POSSEMATO, Kyle. Peer-supported mobile mental health for veterans in primary care: a pilot study. *Psychological Services*, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 734–744, nov. 2023. DOI: 10.1037/ser0000709
5. FORTNEY, John C.; BAUER, Amy M.; CERIMELE, Joseph M.; et al. Comparison of telementegrated care and telereferral care for treating complex psychiatric disorders in primary care: a pragmatic randomized comparative effectiveness trial. *JAMA Psychiatry*, v. 78, n. 11, p. 1189–1199, 25 ago. 2021 DOI: 10.1001/jamapsychiatry.2021.2318
6. GRAHAM, Andrea K.; GREENE, Carolyn J.; KWASNY, Mary J.; KAISER, Susan M.; LIEPONIS, Paul; POWELL, Thomas; MOHR, David C. Coached mobile app platform for the treatment of depression and anxiety among primary care patients: a randomized clinical trial. *JAMA Psychiatry*, [S.l.], v. 77, n. 9, p. 906–914, 1 set. 2020. DOI: 10.1001/jamapsychiatry.2020.1011
7. HALL, Jennifer D.; DANNA, Maria N.; HOEFT, Theresa J.; SOLBERG, Leif I.; TAKAMINE, Linda H.; FORTNEY, John C.; NOLAN, John Paul; COHEN, Deborah J. Patient and clinician perspectives on two telemedicine approaches for treating patients with mental health disorders in underserved areas. *Journal of the American Board of Family Medicine*, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 465–474, maio/jun. 2022. DOI: 10.3122/jabfm.2022.03.210377
8. HAUN, Markus W.; HOFFMANN, Mariell; WILDENAUER, Alina; TÖNNIES, Justus; WENSING, Michel; SZECSENYI, Joachim; PETERS-KLIMM, Frank; KRISAM, Regina; KRONSTEINER, Dorothea; HARTMANN, Mechthild; FRIEDERICH, Hans- Christoph. Health providers' experiences with mental health specialist video consultations in primary care: a qualitative study nested within a randomised feasibility trial. *BMJ Open*, [S.l.], v. 11, n. 11, p. e047829, 9 nov. 2021. DOI: 10.1136/bmjopen-2020-047829
9. Jayasankar, Pavithra<sup>1</sup>; Nirisha, P Lakshmi<sup>2</sup>; Manjunatha, Narayana<sup>3,\*</sup>; Kumar, Channaveerachari Naveen<sup>4</sup>; Gajera, Gopi V<sup>5</sup>; Malathesh, Barikar C.<sup>6</sup>; Pandey, Praveen<sup>7</sup>; Suhas, Satish<sup>8</sup>; Ohri, Uma<sup>9</sup>; Kumar, Rajesh<sup>10</sup>; Bajpai, Preeti<sup>11</sup>; Kumar, Rajesh<sup>12</sup>; Math, Suresh Bada<sup>13</sup>. Are the Collaborative Video Consultations module in Diploma in Primary Care Psychiatry helpful. *Indian Journal of Psychiatry* 64(Suppl 3):p S516-S520, March 2022. | DOI: 10.4103/0019-5545.341490
10. KULKARNI, Karishma R.; SHYAM, R. P. S.; BAGEWADI, Virupakshappa Irappa; GOWDA, Guru S.; MANJUNATHA, B. R.; SHASHIDHARA, Harihara N.; BASAVARAJU, Vinay; MANJUNATHA, Narayana; MOIRANGTHEM, Sydney; KUMAR, Channaveerachari Naveen; MATH, Suresh Bada. A study of collaborative telepsychiatric consultations for a rehabilitation centre managed by a primary healthcare centre. *Indian Journal of Medical Research*, [S.l.], v. 152, n. 4, p. 417– 422, out. 2020. DOI: 10.4103/ijmr.IJMR\_676\_18
11. MANJUNATHA, Narayana; PAHUJA, Erika; SANTHOSH KUMAR, Thamaraiselvan; UZZAFAR, Fareed; NAVEEN KUMAR, Channaveerachari; GUPTA, Ravi; MATH, Suresh Bada. An impact of a digitally driven primary care psychiatry program on the integration of psychiatric care in the general practice of primary care doctors. *Indian Journal of Psychiatry*, v. 62, n. 6, 2020. DOI: 10.4103/psychiatry.IndianJPsychiatry\_324\_20

12. MANJUNATHA, Narayana; SADH, Kamaldeep; SHASHIDHARA, Harihara N.; MANJUNATHA, B. R.; SHASHANK, H. P.; ASHWATHA, K. P.; PUTTASWAMY, Parthasarathy; RAJANI; KUMAR, Channeveerachari Naveen; MATH, Suresh Bada; THIRTHALLI, Jagadisha. Establishing performance indicators of telemedicine-based “On-Consultation Training” of primary care doctors: an innovation to integrate psychiatry at primary care. *Indian Journal of Community Medicine*, v. 46, n. 1, p. 75–79, jan.–mar. 2021. DOI: 10.4103/ijcm.IJCM\_223\_20

13. MEFFERT, Susan; MATHAI, Muthoni; NEYLAN, Thomas; MWAI, Daniel; ONYANGO, Dickens Otieno; ROTA, Grace; OTIENO, Ammon; OBURA, Raymond R.; WANGIA, Josline; OPIYO, Elizabeth; MUCHEMBRE, Peter; OLUOCH, Dennis; WAMBURA, Raphael; MBWAYO, Anne; KAHN, James G.; COHEN, Craig R.; BUKUSI, David; AARONS, Gregory A.; BURGER, Rachel L.; JIN, Chengshi; MCCULLOCH, Charles; KAHONGE, Simon; ONGERI, Linnet. Preference of mHealth versus in-person treatment for depression and post-traumatic stress disorder in Kenya: demographic and clinical characteristics. *BMJ Open*, [S.l.], v. 14, n. 11, p. e083094, 18 nov. 2024. DOI: 10.1136/bmjopen-2023-083094

14. O'CALLAGHAN, Erin; SULLIVAN, Scott; GUPTA, Carina; BELANGER, Heather G.; WINSBERG, Mirène. Feasibility and acceptability of a novel telepsychiatry-delivered precision prescribing intervention for anxiety and depression. *BMC Psychiatry*, [S.l.], v. 22, art. 483, 19 jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12888-022-04113-9>

15. PAHUJA, Erika; KUMAR, Santosh; KUMAR, Ajay; UZZAFAR, Fareed; SARKAR, Siddharth; MANJUNATHA, Narayana; BALHARA, Yatan Pal Singh; KUMAR, C. Naveen; MATH, Suresh Bada. Collaborative video consultations from tertiary care based telepsychiatrist to a remote primary care doctor to manage opioid substitution therapy clinic. *Journal of Neurosciences in Rural Practice*, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 498-501, 31 jul. 2020. Epub ahead of print 12 jun. 2020. DOI: 10.1055/s-0040-1713293

16. PARISH, Michelle Burke; GONZALEZ, Alvaro; HILTY, Donald; CHAN, Steven; XIONG, Glen; SCHER, Lorin; LIU, David; SCIOLLA, Andres; SHORE, Jay; MCCARRON, Robert; KAHN, Debra; IOSIF, Ana-Maria; YELLOWLEES, Peter. Asynchronous telepsychiatry interviewer training recommendations: a model for interdisciplinary, integrated behavioral health care. *Telemedicine and e-Health*, [S.l.], v. 27, n. 9, p. 982–988, set. 2021. DOI: 10.1089/tmj.2020.0076

17. SERHAL, Eva; IWAJOMO, Tomisin; DE OLIVEIRA, Claire; CRAWFORD, Allison; KURDYAK, Paul. Characterizing family physicians who refer to telepsychiatry in Ontario. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 66, n. 1, 10 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/07067437209540>

18. SHISANA, Olive; STEIN, Dan J.; ZUNGU, Nompumelelo P.; WOLVAARDT, Gustaaf. The rationale for South Africa to prioritise mental health care as a critical aspect of overall health care. *Comprehensive Psychiatry*, [S.l.], v. 130, p. 152458, abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2024.152458>

19. YELLOWLEES, Peter M.; PARISH, Michelle Burke; GONZALEZ, Alvaro D.; CHAN, Steven R.; HILTY, Donald M.; YOO, Byung-Kwang; LEIGH, J. Paul; MCCARRON, Robert M.; SCHER, Lorin M.; SCIOLLA, Andres F.; SHORE, Jay; XIONG, Glen; SOLTERO, Katherine M.; FISHER, Alice; FINE, Jeffrey R.; BANNISTER, Jennifer; IOSIF, Ana-Maria. Clinical outcomes of asynchronous versus synchronous telepsychiatry in primary care: randomized controlled trial. *Journal of Medical Internet Research*, [S.l.], v. 23, n. 7, p. e24047, 20 jul. 2021. DOI: 10.2196/24047

20. ZHANG, Yunxi; LAL, Lincy S.; CHANDRA, Saurabh; SWINT, John Michael. Shifting patterns in primary care telehealth utilization among Medicare beneficiaries and providers. *Journal of Primary Care & Community Health*, [S.l.], v. 16, p. 21501319251323983, jan./dez. 2025. DOI: 10.1177/21501319251323983

21. WAQAS, Ahmed; TEOH, Soo Huat; LAPÃO, Luís Velez; MESSINA, Luiz Ary; CORREIA, Jorge César. Aproveitando a telemedicina para a prestação de cuidados de saúde: análise bibliométrica e cienciométrica. *Journal of Medical Internet Research*, v. 22, n. 10, e18835, 2020. DOI: 10.2196/18835